



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

**Avaliação da Percepção do Meio Ambiente por alunos do Ensino
Fundamental de duas escolas da rede pública estadual do município de Dourados,
Mato Grosso do Sul**

**Jaqueline Nunes Pereira¹; Cynthia de Barros Mansur²; Maria Aparecida Martins
Alves³**

¹ Graduanda do curso de Ciências Biológicas Unidade Universitária de Dourados

² Professora do curso de Ciências Biológicas Unidade Universitária de Dourados

³ Professora do curso de Ciências Biológicas Unidade Universitária de Dourados

Email: ¹ jaque_nunesp@hotmail.com; ² cynthia_mansur25@hotmail.com; ³ magiovanetti@uems.br

Cidade Universitária de Dourados - Caixa Postal 351 - CEP: 79804-970

Rodovia Dourados-Itaum KM 12 – Bairro Aeroporto.

Resumo

O homem interage com o meio ambiente constantemente, surgindo assim a necessidade de estudar essa relação, podendo-se usar a percepção como um dos meios de estudo, por ela estar acompanhada da atribuição de valores e tomadas de posições. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi discutir comparativamente a percepção dos alunos de 6º ano do Ensino Fundamental de duas escolas do município de Dourados – MS. Para preparar e motivar os alunos para o trabalho foi feita uma conversa com eles e passado um vídeo demonstrando alguns aspectos da degradação ambiental, depois eles tiveram cerca de 40 minutos para fazer um desenho que caracterizasse o meio ambiente ao redor da escola de acordo com a sua percepção. Feitos os desenhos, os alunos foram convidados a elencar um elemento do meio ambiente considerado importante para ele. Os resultados foram analisados de maneira quali/quantitativa, onde os principais elementos foram agrupados em tabelas para melhor visualização dos resultados. Em ambas as escolas trabalhadas houve predominância dos elementos naturais nas representações e nos elementos elencados pelos

estudantes, reforçando a hipótese de que os alunos possuem uma visão naturalista do meio ambiente. De modo geral, não houve diferenças importantes no nível de conhecimento dos alunos das duas escolas.

Palavras – chaves: Meio ambiente. Desenhos. Percepção.

INTRODUÇÃO

A questão ambiental se torna cada vez mais emergente, no entanto, todas as ações adotadas até então ainda não foram suficientes para frear a crescente degeneração do planeta, aproximando nossa sociedade do iminente caos ambiental. A tomada de consciência é fator fundamental para que se possa iniciar um processo de educação ambiental. A percepção ambiental vem contribuir para a compreensão de como cada indivíduo percebe o ambiente em seu entorno. A mudança de comportamento e a internalização dos conceitos de educação ambiental no cotidiano do indivíduo são oriundas de ações concretas que objetivam construção social capaz de reeducar o homem no sentido de se proteger (CUNHA; LEITE, 2009).

O homem interage com o meio ambiente constantemente, surgindo assim a necessidade de estudar essa relação, podendo-se usar a percepção como um dos meios de estudo, por ela estar acompanhada da atribuição de valores e tomadas de posições, como retrata Machado (1999):

A questão da interação entre o homem e o meio ambiente se amplia então, consideravelmente, revelando uma visão que transcende as fronteiras disciplinares e conceituais e eclode na consideração de que, para estudar essa interação é necessário que a sua percepção, que vem sempre acompanhada da atribuição de valores e tomada de posições, seja analisada tanto do ponto de vista cognitivo, como do afetivo (MACHADO, 1999, p. 1).

Stranz (2002) enfatiza que a educação ambiental é um processo permanente no qual os indivíduos e as comunidades tomam consciência “do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais presentes e futuros”.

De acordo com Carvalho (2004), a educação constitui-se numa arena, um espaço social que abriga uma diversidade de práticas de formação de sujeitos. A afirmação desta diversidade é produto da história social do campo educativo, onde concorrem diferentes atores, forças e projetos na disputa pelos sentidos da ação educativa.

Ainda de acordo com Carvalho (2004), a inserção da palavra *ambiental* ao lado de *educação* é importante para reafirmar a importância da educação ambiental, de sua identidade. Identidade esta que foi construída ao longo de muitos anos. A autora ainda destaca que a definição da educação como ambiental é um primeiro passo muito importante, mas insuficiente se queremos avançar na construção de uma práxis, uma prática pensada, que fundamenta os projetos e os põe em ação.

O pensamento crítico é visto como fundamental para promover uma mudança na práxis educativa. Então, de acordo com Carvalho (2004), a junção da educação ambiental com o pensamento crítico, estimulado sobretudo por Paulo Freire no conjunto de sua obra, constitui-se num feliz encontro, pois, de acordo com Guimarães (2004), a educação ambiental crítica pode subsidiar uma leitura de mundo mais complexa e instrumentalizada para uma intervenção que contribua para o processo de transformação da realidade socioambiental que é complexa. Ainda deve promover, entre outros fatores, a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões: geográficas, históricas, biológicas, sociais e subjetivas; considerando o ambiente como o conjunto das interrelações que se estabelecem entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos.

O estudo da percepção ambiental é de fundamental importância. Por meio dele é possível conhecer cada um dos grupos envolvidos, facilitando a realização de um trabalho com bases locais, partindo da realidade do público alvo, para conhecer como os indivíduos percebem o ambiente em que convivem, suas fontes de satisfação e insatisfação (FAGGIONATO, 2007). A partir das percepções internalizadas em cada indivíduo pode-se buscar a mudança de atitudes, que é um dos objetivos principais da educação ambiental para sociedades sustentáveis (PEDRINI et al., 2010).

Os resultados obtidos na percepção ambiental são representações sociais dos sujeitos estudados (AZEVEDO, 2007; REIGOTA, 2007 apud PEDRINI et al. 2010). A importância dos estudos das representações sociais sobre meio ambiente é que elas são

influenciadas, segundo Reigota (2007 apud PEDRINI et al. 2010) pelos conhecimentos tradicionais, étnicos, populares e científicos, visões específicas de mundo e senso comum existentes nas pessoas, e que são fragmentadas e difusas.

Através destes estudos é possível identificar as formas precisas em que a educação ambiental poderá sensibilizar, conscientizar e trabalhar conjuntamente as dificuldades ou dúvidas que os sujeitos-atores possam vir a ter quando discutidas e apresentadas às questões ambientais (OLIVEIRA; CORONA, 2008).

Segundo Melazo (2005) o ambiente é percebido de acordo com os valores e as experiências individuais dos homens onde são atribuídos valores e significados em um determinado grau de importância em suas vidas. Dessa forma, é importante resgatar e estimular novos sentidos de percepção do ambiente, buscando a reintegração do homem com seu meio, daí a importância de um processo educativo-ambiental que leve o ser humano a perceber-se como ser integrante e corresponsável pelo ambiente (MORAES, 1999).

A possível abordagem de forma inadequada, a falta de contato direto com o ambiente natural e material didático utilizado para os conteúdos relacionados ao meio ambiente nas escolas de educação básica podem estar levando ao desconhecimento das crianças (CAMARGO, 2003). Contudo esse panorama só pode ser avaliado com o uso de estudos de percepção ambiental, pois estes permitem compreender melhor a interrelação homem /meio ambiente, seus anseios, critérios de julgamentos e condutas, possibilitando conhecer o perfil da conscientização ambiental e cidadania participativa, frente aos vários aspectos da problemática ambiental (CASTOLDI et al. 2009).

De acordo com as observações feitas pela autora nas duas escolas pesquisadas neste estudo, pode-se constatar que uma delas se preocupa com as questões ambientais e essa preocupação culmina com o desenvolvimento de alguns projetos, no cuidado com a limpeza, arborização, coleta e destinação do lixo, entre outros. Já a outra escola não apresenta tantos cuidados, sendo observado lixo próximo à quadra e falta de projetos relacionados à temática ambiental. Com base nessas informações, duas hipóteses foram testadas:

1) alunos oriundos de uma escola que tem uma preocupação com o meio ambiente possuem um esclarecimento e consciência maior do que aqueles oriundos de uma escola que não possui o mesmo grau de preocupação ambiental.

2) A diferença de cuidado ambiental entre as escolas não influencia no conhecimento e nível de consciência dos alunos.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi discutir comparativamente a percepção dos alunos de 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso e da Escola Estadual Presidente Tancredo Neves sobre meio ambiente.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado na Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso e na Escola Estadual Presidente Tancredo Neves, localizadas na cidade de Dourados-MS, após autorização da direção das escolas. As turmas selecionadas para realização desse estudo foram do Ensino Fundamental, compreendendo uma turma do 6º ano de cada escola, para avaliar a percepção de alunos de diferentes realidades.

Para motivar os alunos e prepará-los para o trabalho, foi explicado aos alunos como seria desenvolvida a pesquisa. Após a explicação foi passado um vídeo mostrando alguns aspectos de degradação ambiental. Depois do vídeo os alunos tiveram cerca de 40 minutos para fazer um desenho que caracterizasse o meio ambiente ao redor da escola. Feitos os desenhos, os alunos foram convidados a elencar um elemento do meio ambiente considerado importante para ele. Os resultados foram analisados de maneira quali/quantitativa, onde os principais elementos foram agrupados em tabelas para melhor visualização dos resultados. A análise qualitativa foi feita por meio de análises descritivas acerca do conhecimento dos alunos e suas ideias, levando em conta o processo histórico-cultural desse aluno (LUDKE & ANDRÉ, 2013; NEVES, 1996).

Seguindo os subsídios teóricos de Lüdke e André (2013), que fazem uma discussão sobre a pesquisa em educação, dentro de uma vertente qualitativa, o presente

trabalho se caracteriza como um estudo de caso, passando pelas seguintes fases: a primeira, aberta ou exploratória; a segunda, mais sistemática na coleta de dados e a terceira consistindo na análise e interpretação sistemática dos dados e na elaboração do relatório ou manuscrito final. Em alguns momentos, segundo as próprias autoras, essas fases se superpõem, sendo difícil precisar as linhas que as separam.

Caracterização das escolas

A Escola Estadual Presidente Tancredo Neves é uma escola primeiramente bem arborizada, tendo muitas lixeiras distribuídas em pontos estratégicos, sendo possível perceber certa preocupação por parte da equipe escolar com a preservação do meio ambiente. Constatamos também que foi desenvolvido um projeto sobre sustentabilidade, envolvendo alguns professores e alunos. Cada ator foi responsável por desenvolver algumas etapas do projeto, sendo possível perceber que a grande maioria dos envolvidos alcançou uma maior conscientização sobre os problemas ambientais. Percebe-se ainda uma preocupação por parte de toda a equipe escolar em manter a escola organizada, pois sempre é possível observar os funcionários limpando e lavando todo o pátio escolar como também os outros ambientes.

A Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso não pode ser caracterizada como uma escola bem arborizada, pois há poucas árvores no local. Em um ano de acompanhamento na mesma, não foi possível perceber nenhum projeto a respeito de conscientização ambiental, ou preocupação com o ambiente, sendo possível perceber até poucos dias (pois agora a escola está sob nova direção) lixo espalhado pela escola, como papéis, algumas mesas quebradas próximas à quadra de esportes, que também não é um ambiente muito “limpo”, entre outros. Percebe-se que os alunos também não têm muito interesse em manter a escola limpa, pois já houve alguns depoimentos em que os alunos relatam que não manteriam a escola limpa, pois a própria coordenação não apresentava esta preocupação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Num primeiro momento foi feito um contato prévio com os alunos, uma explicação sobre o que estariam fazendo e foi passado o vídeo. Feito isso, os alunos tiveram um tempo (40 minutos) para fazerem e entregarem seus desenhos.

Num segundo momento foram analisados 41 desenhos, sendo 18 da Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso (Escola Reis Veloso) e 23 da Escola Estadual Presidente Tancredo Neves (Escola Tancredo Neves). Iniciamos a análise dos desenhos identificando e quantificando os elementos presentes em naturais e artificiais, no qual os elementos naturais seriam os seres bióticos e abióticos e os artificiais seriam os construídos e/ou transformados pelo ser humano (Tabelas 1 e 2).

Corroborando os resultados encontrados por Martinho e Talamoni (2007), Garrido e Meirelles (2011), em ambas as escolas trabalhadas houve predominância dos elementos naturais nas representações dos estudantes. Na Escola Reis Veloso o elemento natural árvore está presente em 94,4% dos desenhos; na Escola Tancredo Neves este elemento está presente em 78,2% dos desenhos. Entre os outros elementos naturais presentes, grama apareceu em 44,4% dos desenhos na Escola Reis Veloso, enquanto na Escola Tancredo Neves 87% dos desenhos apresentou este elemento. Pássaro esteve presente em 33,3% dos desenhos na Escola Reis Veloso e 56,2% dos desenhos na Escola Tancredo Neves. Outro elemento que apresentou uma diferença significativa entre as duas escolas foi o céu, na Escola Reis Veloso apareceu em 11,1% dos desenhos e na Escola Tancredo Neves em 26% destes. No entanto, alguns elementos foram específicos de cada escola, como por exemplo, caracol, borboleta e vaca, que estiveram presentes somente na Escola Reis Veloso. Na Escola Tancredo Neves os elementos específicos foram pato, fogo, onça e leão. O elemento rocha esteve presente em apenas um desenho de cada escola. Essa forma de representar o meio ambiente também foi encontrada nos trabalhos de Pedrini et al (2010), estudando crianças em situação de vulnerabilidade social no Rio de Janeiro.

A maior predominância do elemento árvore, encontrada neste estudo, provavelmente se dá pelas características do município de Dourados, que é muito arborizado até mesmo no centro da cidade, sendo este elemento muito presente no cotidiano das crianças, embora a escola Reis Veloso, em si, não seja um local arborizado.

Nas duas turmas estudadas, a representação do elemento ser humano é verificada em 11,1% na Escola Reis Veloso e 17,4% na Escola Tancredo Neves. A baixa representação do ser humano pode sugerir uma definição equivocada e percepção inadequada do que realmente faz parte do meio em que os indivíduos se insere, aderindo à percepção naturalista de meio ambiente, segundo Reigota (2002 apud PEDRINI et al. 2010).

A visão de que o homem não faz parte da natureza, do homem como “usuário” da natureza, nos remete à filosofia cartesiana, dentro da qual, nossas escolas foram moldadas por décadas. Para contrapor essa forma de pensar e agir, encontramos eco nas palavras de Paulo Freire (2013), que coloca o homem como ser integrante da natureza, o homem como parte da natureza. A partir dessa visão crítica do meio ambiente pode-se começar a trabalhar conceitos de sustentabilidade e assim, o estudante e também seus professores, podem aos poucos, abandonar a visão naturalista do meio ambiente e substituí-la por uma visão voltada para a sustentabilidade.

Nos desenhos foram identificados entre outros elementos artificiais, lixeira que esteve presente em apenas 5,6% dos desenhos na Escola Reis Veloso, enquanto na Escola Tancredo Neves apareceu em 34,7% destes. Isto pode estar relacionado ao fato de que na Escola Tancredo Neves há muitas lixeiras na escola, o que pode ter gerado nos alunos a reflexão de que não deve haver lixo espalhado pelo ambiente, pois muitos até desenharam lixeiras para separação adequada do lixo. Estes resultados se assemelham aos encontrados por Aires e Bastos (2011), onde os autores explicam que a representação de lixeiras foi bem comum em seu trabalho porque o lixo é um conteúdo curricular dos temas transversais, sendo bastante trabalhado pelos professores. Outros elementos que também apresentaram diferença entre as escolas foram carro (5,6% na Escola Reis Veloso e 17,4% na Escola Tancredo Neves) e lixo (27,8% na Escola Reis Veloso e 21,8% na Escola Tancredo Neves). Nos elementos artificiais também houve os que estiveram presentes em apenas uma escola, como por exemplo, bicicleta, cerca e igreja na Escola Reis Veloso. Na Escola Tancredo Neves foram os elementos prédio, placa, bola, rua, entre outros.

De acordo com Pereira (2006), o desenho infantil apresenta uma importante característica, que é a de que representar mais o que a criança sabe de um objeto do que o

que ela vê. Dessa maneira, reflete a imagem e conceito do objeto, portanto recorta seu significado (Pereira, 2006). O desenho é uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas através das quais a função de atribuição da significação se expressa e se constrói. Desenvolve-se concomitantemente às outras manifestações, entre as quais o brincar e a linguagem verbal (PIAGET, 1973 citado por Pereira, 2006). Ainda de acordo com a autora, a evolução do desenho compartilha o processo de desenvolvimento, passando por etapas que caracterizam a maneira da criança se situar no mundo.

A técnica do desenho tem sido utilizada por vários autores em trabalhos com crianças e adolescentes para se verificar uma série de informações (REIGADA e TOZONI-REIS, 2004; PEDRINI, COSTA e GHILARDI, 2010; MARTINHO e TALAMONI, 2007; SODRÉ, REIS e GUTTIN, 2010; TOZONI-REIS et al., 2006; SCHWARZ, SEVEGNANI e ANDRÉ, 2007).

Sá (1995, citado por Martinho e Talamoni, 2007) argumenta que é pelas representações que se procede a interpretação e, mesmo, a construção das realidades sociais. Os alunos da Escola Tancredo Neves demonstraram maior riqueza de elementos naturais e artificiais, do que os alunos da Escola Reis Veloso. Pode ser observado nas tabelas 1 e 2, que predominaram nesta pesquisa os elementos naturais, assemelhando-se aos resultados encontrados nas pesquisas de Bezerra e Gonçalves (2007), Reigada e Tozoni-Reis (2004), Martinho e Talamoni (2007) e Pedrini, Costa e Ghilardi (2010).

Após a realização dos desenhos, os alunos foram orientados a elencar oralmente elementos que na sua concepção faziam parte do meio ambiente, não sendo permitido que as crianças repetissem elementos. Na escola Reis Veloso foram citados 22 elementos, dentre eles árvore, água, ar, ser humano, casa, montanha, desmatamento. Na escola Tancredo Neves foram citados 27 elementos, dentre eles chuva, fumaça, vento, lixo, cachorro, rocha e temperatura. Alguns elementos se repetiram nas duas escolas como pode ser observado na tabela 3.

Nos elementos elencados das duas escolas houve predominância de elementos naturais, sem diferenças significativas entre as duas, reforçando a hipótese de que os alunos possuem uma visão naturalista do ambiente.

Tabela 1: Elementos naturais presentes nos desenhos

Elementos	Reis Veloso n=18	Tancredo Neves n=23
Árvore	17	18
Rio	5	8
Homem	2	4
Gramma	8	20
Sol	14	13
Nuvem	12	10
Borboleta	3	0
Pássaros	6	13
Flor	11	9
Peixes	3	2
Insetos em	3	1
Terra	2	1
Cachoeira	3	2
Lago	1	2
Céu	2	6
Montanha	4	5
Rocha	1	1
Caracol	1	0
Vaca	1	0
Gato	1	0
Pato	0	1
Fruta	2	5
Fogo	0	1
Onça	0	1
Leão	0	1

Tabela 2: Elementos artificiais presentes nos desenhos

Elementos	Reis Veloso n=18	Tancredo Neves n=23
Bicicleta	1	
Carro	1	4
Lixo	5	5
Asfalto	1	3
Lixeiras	1	8
Cerca	1	0
Casa	1	2
Igreja	1	0
Prédio	0	5
Placa	0	2
Esgoto	1	1
Barraquinha	0	1
Quadra de esporte	0	1
Bola	0	1
Caminhão	0	1
Rua	0	1
Rede	0	1
Bebedouro	0	1

Tabela 3: Elementos citados pelos alunos das duas escolas

Elementos Reis Veloso n=22	Tancredo Neves n=27
Árvore	Árvore
Onça	Chuva
Água	Fumaça
Geleira	Vento
Ar	Hipopótamo
Peixe	Fogo
ser humano	Desmatamento
Veado	Lixo
Foca	Rocha
Casa	ser humano
Chuva	Pássaro
Jegue	Poeira
Montanha	Ferro
Fogo	Rio
Alface	Mato
Vaca	Cavalo
Cachorro	Sol
mico-leão dourado	Peixe
Piranha	Cachorro
Tucano	Vaca
Desmatamento	Elefante
	Temperatura
	Cachoeira
	Geleiras
	Onça
	Magma
	Oxigênio

CONCLUSÃO

Ações em educação ambiental são ferramentas importantíssimas para se elevar o conhecimento de crianças, jovens e adultos a um nível desejado sobre as questões

ambientais, passando de uma visão naturista para uma visão crítica, apoiada na sustentabilidade.

No presente trabalho podemos dizer que a hipótese 1, citada na introdução pode ser rejeitada, sendo aceita a hipótese 2. Ou seja, mesmo em uma escola que demonstra um certo “cuidado ambiental”, por ser mais limpa, mais arborizada, com muitas lixeiras, estes elementos não são suficientes para que os estudantes se sensibilizassem e assumissem uma postura crítica sobre EA. De modo geral, não houve diferenças importantes no nível de conhecimento dos alunos das duas escolas. Isso pode estar acontecendo pela falta de ações relacionadas à questão ambiental, falta de uma postura crítica dos professores, falta de estímulo ao debate e ao pensamento crítico frente à sustentabilidade. Os cuidados com a limpeza e arborização das escolas são muito importantes, sem dúvida nenhuma, mas se forem feitos sem o debate, sem a visão crítica, sem que o estudante entenda o significado do cuidado, os efeitos dessas ações serão mínimos. Como diz Paulo Freire, para que o estudante aprenda é necessário que haja significado para ele. Se tiver significado, haverá o interesse, havendo o interesse vai haver aprendizado e, por consequência, mudança de atitude.



Alguns desenhos feitos por crianças da escola Tancredo Neves.



Alguns desenhos feitos por crianças da escola Reis Veloso

Referências Bibliográficas

AIRES, Berenice Feitosa da Costa; BASTOS, Rogério Pereira. Representações sobre meio ambiente de alunos da educação básica de palmas (TO). *Ciência e Educação*. Palmas, v. 17, n. 2, p. 353-364, 2011.

AZEVEDO, Maria Amélia. Consequências psicológicas da vitimização de crianças e adolescentes. Em: AZEVEDO, M.A. e GUERRA, V.A. (Org.) *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu Editora, 2007.

BEZERRA, Tatiana Marcela de Oliveira; GONÇALVES, Andréa Aparecida Cajueiro. Concepções de meio ambiente e educação ambiental por professores da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão-PE. *Biotemas*, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 115-125, 2007.

CAMARGO, R.F. O ensino de solos na escola pública: o caso na Escola Estadual Jardim Monza. Curitiba, 2003. Monografia – (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal do Paraná, Departamento de Solos e Engenharia Agrícola.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Layarargues, P.P. Ministério do Meio Ambiente. 2004.

CASTOLDI, Rafael; BERNARDI, Rosângela; POLINARSKI, Celso Aparecido. Percepção dos problemas ambientais por alunos de ensino médio. Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade. v.1, p.58-80, 2009.

CUNHA, Alecsandra Santos da.; LEITE, Eugênio Batista. Percepção Ambiental: Implicações para a Educação Ambiental. Sinapse Ambiental, p.67-68, 2009.

FAGGIONATO, Sandra. Percepção ambiental. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html>. Acesso em: 21 de março de 2014.

GARRIDO, Luciana dos Santos; MEIRELLES, Rosane Moreira S. A percepção de meio ambiente por alunos das séries iniciais do ensino fundamental. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - ENPEC, 2011, Campinas - SP. Anais do evento, 2011. v. 1. p. 978-989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro. 44ª edição. Paz e Terra. 143p. 2013.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental crítica. In: Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Layarargues, P.P. Ministério do Meio Ambiente. 2004.

LUDKE, Menga ; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. 2. ed. EPU Editora, 2013

MACHADO, Lucy M.C.P. A percepção do meio ambiente como suporte para a educação ambiental. In: Pompêo, MLM (Ed.). Perspectivas da Limnologia no Brasil. São Luis: Gráfica e Editora União, 198p. 1999.

MARTINHO, Luciana Rodrigues; TALAMONI, Jandira Liria B. Representações sobre meio ambiente de alunos da quarta série do ensino fundamental. Ciência & Educação, Bauru, v. 13, n. 1, p. 1-13, 2007.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. Olhares & Trilhas. n.6, p.75-51. 2005.

MORAES, Antonio Carlos.R. Meio Ambiente e Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 1999.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades. Rev. Cadernos de Pesquisas em Administração. 1996; 1 (3): 1-5.

OLIVEIRA, Kleber Andolfato; CORONA, Hieda Maria P. A percepção ambiental como ferramenta de proposta educativa e de políticas ambientais. Anap, 1, p.54, 2008.

PEDRINI, Alexandre; COSTA, Érika Andrade; GHILARDI, Natalia. Percepção ambiental de crianças e pré-adolescentes em vulnerabilidade social para projetos de educação ambiental. Ciência & Educação (Bauru) vol.16 no.2 Bauru; 2010.

PEREIRA, Lais de Toledo K. . O desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso. In: Word conference on arts Education, 2006, Lisboa. <http://text.unesco.org/tt/portal.unesco.org/culture>, 2006.

REIGADA, Carolina.; TOZONI-REIS, Marília Freitas C. Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de Pesquisa-Ação. *Ciência & Educação*, Bauri, v. 10, n. 2, p. 149-159, 2004.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STRANZ, Anamaria. et al. Projeto Universidade Solidária - Transmitindo Experiências em Educação Ambiental. In: ZAKRZEWSKI, Sônia B.B., VALDUGA, Alice T., DEVILLA, Ivano A. (orgs). Anais do I Simpósio Sul Brasileiro de Educação Ambiental, II Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, XVI Semana Alto Uruguai do Meio Ambiente. Ed. EdIFAPES. Erechim – RS. p. 222. 2002

SODRÉ, Liana Gonçalves. P.; GUTTIN, Jacqueline Mol S.; REIS, Isis Tibúrcio. Análise dos elementos da natureza nos desenhos livres de crianças da Educação Infantil. In: VI Congresso Internacional de Educação, 2007, Concórdia - Santa Catarina. Educação, visão e crítica e perspectivas de mudança. Concórdia: Universidade do Contestado, 2007. 17p. Disponível em http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacaoInfantil/ANALISE_ELEMENTOS_NATUREZA_DESENHOS_LIVRES_CRIANCAS_EDUCACAO_INFANTIL.pdf. Acesso em 12 de jan. 2010.

SCHWARZ, Maria Luiza; SEVEGNANI, Lucia; ANDRÉ, Pierre. Representações da Mata Atlântica e de sua biodiversidade por meio dos desenhos infantis. *Ciência & Educação*, v. 13, n. 3, p. 369-388, 2007.